



Dr^a MARIA CAROLINA ROSA GULLO

A INTERFACE ENTRE TURISMO, MEIO AMBIENTE E ECONOMIA: O OLHAR MULTIDISCIPLINAR

The Interface between Tourism, Environment and Economy: The Multidisciplinary View

JACQUELINE MARIA CORÁ¹ & MARIA CAROLINA ROSA GULLO²

DOI 10.18226/21789061.v13i2021p9

RESUMO

A entrevista com a professora Dra. Maria Carolina Rosa Gullo foi realizada em Caxias do Sul, em outubro de 2019, pela doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul. A professora Gullo possui formação em Ciências Econômicas (graduação, mestrado e doutorado) e é docente em cursos de graduação e pós-graduação na UCS, e também, pesquisadora. Seus estudos apresentam interface entre diferentes áreas do conhecimento, entre elas Economia, Turismo, Meio-Ambiente, Direito e Saúde.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Economia; Meio Ambiente; Sustentabilidade; Valoração Patrimonial.

ABSTRACT

This interview was conducted in Caxias do Sul, in October 2019, by the doctoral student in the Program in Tourism and Hospitality at the University of Caxias do Sul (UCS), with Professor PhD. Maria Carolina Rosa Gullo. Professor Gullo has a degree in Economic Sciences (graduation,

¹ **Jacqueline Maria Corá** - Mestre. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6988581325367654>. E-mail: jmcora@ucs.br

² **Maria Carolina Rosa Gullo** – Doutora. Professora colaboradora dos Programas de Pós-Graduação em Direito, Turismo e Hospitalidade e Ciências da Saúde, todos na Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/9067253843234202> . E-mail: mcrgullo@ucs.br

master's and doctorate) and is a professor in graduation and posgraduation courses and also a researcher at UCS. Her studies have an interface between different areas of knowledge, including Economics, Tourism, Environment, Law and Health.

KEYWORDS

Tourism; Economy; Environment; Sustainability; Asset Valuation.

INTRODUÇÃO

Professora e pesquisadora na Universidade de Caxias do Sul, vinculada à Área de Conhecimento de Ciências Sociais, com participação em diversos projetos de pesquisas, entre os quais: Análise comparativa entre o custo de prevenir e de tratar doenças em mulheres grávidas e diabéticas aplicado ao ambulatório de Gestação de Alto Risco e Medicina Fetal do Hospital Geral, vinculado ao PPG em Ciências da Saúde; Pesquisa interdisciplinar sobre ambiente urbano e sustentabilidade ambiental - Fundamentos jurídicos e epistemológicos da região Metropolitana da Serra Gaúcha, vinculado ao PPG em Direito Ambiental, que visa estabelecer parâmetros ecológicos, ambientais, econômicos, sociais e jurídicos definidores de um ambiente urbano ampliado e sustentável. Coordena, desde 2016, o Encontro sobre os Aspectos Econômicos e Sociais da Região Nordeste do RS [ESAES]. É membro do corpo editorial da Revista de Direito Ambiental e Sociedade. Tem publicado alguns livros, entre os quais: *Plano Diretor Inteligente: pressuposto para cidades inteligentes* (Educs, 2019); *Novo ciclo econômico? Oportunidades e desafios* (Educs, 2018); *A economia e o turismo compartilhando soluções* (Educs, 2017); e *Direito, Economia e Meio Ambiente* (Educs, 2012). Também tem inúmeros artigos publicados em periódicos abordando as temáticas sustentabilidade e meio ambiente, valoração econômica na saúde e economia, industrialização e urbanização. É graduada em Ciências Econômicas (Unisinos), mestre em Economia Rural (UFRGS) e doutora em Economia e Desenvolvimento (UFRGS).

Maria Carolina Rosa Gullo, conhecida na comunidade acadêmica como a professora Carol, é reconhecida pela sua informalidade, senso prático e notório saber, especialmente no campo econômico. Destaca-se pela sua capacidade de trabalho em equipes multidisciplinares e, talvez, seja uma das poucas pesquisadoras a integrar grupos de estudos e transitar com desenvoltura pelas seis diferentes áreas de conhecimento presentes no contexto da UCS: Sociais, Humanidades, Jurídicas, Da Vida, Exatas e Engenharia e Artes e Arquitetura. Portanto, essa

entrevista busca ouvir a Carol principalmente, a respeito das relações entre as áreas da Economia, do Turismo e do Meio Ambiente.

Jacqueline Maria Corá [JMC]: Prof.^a Carol, sua formação acadêmica tem início na área das Ciências Exatas, migrando, posteriormente, para a área das Ciências Sociais, especificamente para a Economia, a partir da qual estabelece vínculos com o Turismo e também com outras áreas do conhecimento como o Direito, Ciências da Vida e Arquitetura. Comente sobre essa trajetória em termos de formação e atuação profissional.

Maria Carolina Rosa Gullo [MCRG]: Entrei na PUC-RS em 1987, com 17 anos, no Curso de Engenharia Mecânica. Era um desejo antigo tendo em vista que tinha (e tenho) verdadeira adoração por carros, motos, motores e velocidade. Muito por influência do meu pai e do meu irmão, que compartilhavam a mesma paixão. No entanto, decorridos três anos na Universidade, mesmo já tendo feito um estágio na área, alguns obstáculos no conteúdo mais abstrato do curso me fizeram perder o interesse. Nesse meio tempo havia começado a trabalhar com a minha família no negócio de importação e exportação de gêneros alimentícios. De certa forma, eu e meu irmão alimentávamos o desejo de um dia seguir com os negócios da família, que começou com meu avô e, naquele momento, envolvia meu pai e meu tio, além de nós dois.

Uma greve dos professores, que entrou setembro adentro em 1990, acabou me incentivando a trancar o curso de Engenharia Mecânica, para nunca mais voltar. Em janeiro do ano seguinte optei por tentar o curso de Comércio Exterior na Unisinos, único lugar na Região Metropolitana de Porto Alegre, onde este curso existia em 1991. A escolha do curso foi em função do desejo de continuar nos negócios da família. Acabei sendo aprovada em Ciências Econômicas, minha segunda opção naquele momento. Comecei a cursar e acabei gostando do curso.

Minha relação com os negócios duraria mais dois anos. Após o falecimento do meu avô, meu pai e meu tio já não conseguiam ter a mesma convergência. Sai e fui fazer estágio na área de Economia na Secretaria de Estado da Agricultura, onde trabalhei com pesquisa e depois com crédito rural. Meu TCC de graduação foi na área de Economia Rural e a escolha pelo mestrado no mesmo tema, na UFRGS, foi resultado do incentivo do meu orientador de graduação, Prof. Otto Konzen.

Ao fazer o mestrado descobri a docência e comecei como professora substituta na UFRGS, onde lecionei por um ano e meio, mesmo antes de terminar o mestrado. Além da UFRGS, concomitantemente, lecionei um semestre na então Unoesc, em Chapecó, Santa Catarina. Em

novembro de 2000, defendi a dissertação do mestrado e uma semana depois fiz o concurso para docente na UCS. Recebi a notícia em dezembro daquele ano de que havia passado, mas ainda não sabiam se eu teria disciplinas no próximo ano.

Precisando trabalhar, em janeiro de 2001 surgiu a oportunidade de assumir como Gestora do Fundo de Recursos Hídricos na Secretaria de Estado do Meio Ambiente. Pouco dias depois, veio o chamado para lecionar na UCS. Assim, no primeiro semestre de 2001, trabalhei na Sema, lecionei em Canela pela UCS e na UFRGS. Foi meu primeiro contato com o Turismo pois lecionei a disciplina de Fundamentos de Economia para o Bacharelado em Turismo e Introdução a Economia para o Tecnólogo em Hotelaria, os cursos mais importantes do então Núcleo de Canela da UCS. Sem dúvidas, um semestre intenso, mas bastante produtivo. No segundo semestre, também em função de uma greve, agora dos funcionários da UFRGS, optei por encerrar meu contrato com aquela Instituição e fiquei apenas na Sema e na UCS.

No final de 2001, a UCS Canela me convidou para aumentar minha carga horária participando do Programa Extensão Empresarial e assim optei por sair da Sema em janeiro de 2002 e me dedicar somente à UCS. Em 2003, por indicação da então coordenadora do Curso de Ciências Econômicas e chefe do Departamento de Economia, Prof^a Lodonha, fui fazer um intercâmbio na área de Ciências Econômicas voltadas a área ambiental [economia ambiental]. Isto aconteceu pela experiência que adquiri na área, durante a passagem pela Sema, e por ter lecionado a disciplina Economia do Meio Ambiente na UCS. Foram quatro meses imersos na biblioteca da Universidade de Barcelona, onde tive contato com a literatura mais atual naquele momento sobre economia ambiental, livros que ainda não tinham chegado ao Brasil. Ao voltar de Barcelona fui convidada a fazer parte de um grupo de estudos com patrocínio do Banco Mundial e no final de 2004 fomos até o Chile, na Cepal, para apresentar o resultado do projeto de indicadores econômicos e ambientais.

De Barcelona até hoje, tenho me envolvido na área ambiental e, toda esta experiência aliada à defesa da tese de doutorado em 2010 [sobre Valoração Econômica em Recursos Naturais] me abriram portas para participar do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação do Direito da UCS. Na mesma época fui convidada a fazer parte também do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade. Para este convite pesou a minha experiência na graduação com o Turismo e Hotelaria, em que lecionei de 2001 até 2005 e, também, a expertise na área ambiental e econômica.

Ao longo da minha trajetória como docente sempre me relacionei muito com colegas de outras áreas, um pouco por frequentar a Casa do Professor, enquanto ainda não havia me transferido para Caxias do Sul, e, também, pela vivência no Campus de Canela, onde não existia o curso de Economia. Então, dificilmente eu encontrava colegas da minha área. E atribuo a isso o fato de hoje trabalhar com as diversas áreas do conhecimento, proporcionando uma contribuição da Ciência Econômica com as demais áreas. Outro exemplo desta interação se dá com os colegas do Curso de Arquitetura, em que já participei de vários trabalhos conjuntos e hoje leciono uma disciplina de Economia na graduação, numa perspectiva de projeto absolutamente multi e interdisciplinar. E ainda, em função da minha experiência com métodos de valoração econômica, a partir da tese de doutorado, estou fazendo parte do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, ou seja, trabalhando com Economia da Saúde. Portanto, atualmente, me dedico apenas à vida acadêmica. Eventualmente participo de trabalhos técnicos, normalmente por demandas que advêm da própria UCS.

[JMC]: Na sua visão, como os temas economia, meio ambiente e turismo se relacionam?

[MCRG]: São três temas absolutamente interligados. Boa parte do turismo no Brasil tem ligação com as questões ambientais como praias, montanhas, natureza, paisagens, etc. Claro que meio ambiente não é só isso. Digamos que esta seja a parte visível. A questão é que a economia do turismo requer investimentos e cuidados com o meio ambiente, em todos os sentidos. Não dá para pensar em uma cidade turística que não tenha saneamento básico, que não tenha áreas verdes bem cuidadas, sobretudo se o turismo daquele lugar tiver uma relação direta com a natureza. Embora isso deva ser premissa para o desenvolvimento do turismo, é sabido que no Brasil, nem sempre é dada a devida importância a esse tópico. Temos vários casos de municípios cuja atividade principal é o turismo, mas não investem em saneamento, não possuem adequada coleta e tratamento de resíduos, entre outras carências ambientais. E não precisamos ir longe. Gramado é um exemplo, está faltando água e tem sérios problemas para armazenar os resíduos gerados por restaurantes, hotéis, e toda a atividade turística.

[JMC]: Outra área que vem recebendo sua atenção é a valoração patrimonial. Esse tema já é de amplo domínio dos europeus, em função da trajetória histórica daquele continente. No entanto, no Brasil, recém estamos começando a perceber o potencial do patrimônio como recurso de valor econômico em projetos, tanto de iniciativa pública quanto privada. Nesse

sentido, quais as ações em curso que estabelecem conexões entre patrimônio, meio-ambiente e o turismo?

[MCRG]: Na verdade, esta área ‘cruzou por mim’. Isto porque os métodos utilizados para fazer a valoração patrimonial são praticamente os mesmos utilizados para a valoração da área ambiental e da saúde. Então, reside aí uma boa possibilidade para ampliar minha contribuição ao PPGTURH. No âmbito do patrimônio temos aqueles intangíveis e é justamente na valoração desses que os métodos se assemelham aos das demais áreas. Neste sentido, a coordenação do Curso de Turismo da UCS tem recebido demandas que incluem a necessidade de valorar economicamente determinados patrimônios intangíveis e por isso temos atuado em parceria nesta área. Estamos trabalhando para a implantação do geoparque na área dos Cânions, patrimônio do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Na área da valoração patrimonial, o primeiro fruto veio com a parceria da Universidade de Roma La Sapienza, com a UCS. A primeira ação dessa parceria resultou em um curso internacional realizado em conjunto pelas instituições, versando sobre a questão da valoração patrimonial.

[JMC]: Quais linhas da Economia e do Turismo podem gerar maior aproximação? Que novas abordagens podem ser sugeridas?

[MCRG]: No momento, se pensarmos localmente e regionalmente, o turismo exerce grande importância econômica para alguns municípios da nossa região. Para outros, ele ainda pode ser melhor trabalhado para alcançar maior destaque, como é o caso de Caxias do Sul que integra uma rota turística, mas pouco usufrui dessa condição. Também, em função disso, outra linha de estudos possíveis seria a de resgatar patrimônios históricos e culturais que poderão ser reinseridos num novo programa turístico para a cidade. Por outro lado, em municípios em que o turismo está mais avançado, a relação entre economia e turismo já está em um estágio que precisa ser repensada para viabilizar o turismo e sua continuidade, como é o caso de Gramado e, talvez, de Canela.

[JMC]: Você percebeu mudanças na sua compreensão sobre o turismo antes e depois de iniciar no PPGTURH?

[MCRG]: Ainda continuo achando difícil um conceito consensual para Turismo. Isto porque existem várias formas de se fazer turismo. Além disso, o turismo pode se apresentar com especificidades que não temos ainda como avaliar os impactos até por não termos indicadores corretos para fazê-lo. Sempre levantei a questão: a indústria moveleira de Gramado é parte do

turismo? As pessoas fazem turismo e conhecem essa indústria por conta disso ou elas buscam conhecer os produtos da indústria moveleira de lá [Gramado] e, por isso, acabam fazendo turismo? Podemos inserir a indústria de chocolates de lá na mesma questão. Nas contas satélites nacionais é quase impossível fazer esta distinção porque na prática se tornou uma coisa só. Isso nos dá uma dimensão do alcance do turismo. Em breve estas mesmas questões serão proferidas para Bento Gonçalves em relação à indústria vinícola. Se um dia o turismo minguar em Gramado, a indústria moveleira e a de chocolates acabam também? Este é o tamanho do desafio de encontrar uma resposta.

[JMC]: Como você percebe o debate na área do Turismo, na atualidade? Que carências a área apresenta?

[MCRG]: Eu não tenho acompanhado com a devida profundidade, mas entendo que ainda temos que avançar nas discussões acerca do que seria um turismo sustentável e que tipos de turismo seriam mais indicados localmente, regionalmente e nacionalmente. Também acredito que é necessário melhorar os indicadores para medir a atividade turística, principalmente no tocante a economia, ou seja, como mensurar as atividades turísticas dentro da economia.

[JMC]: O Turismo vem se consolidando como uma área do conhecimento que apresenta inúmeras transversalidades e, portanto, um enorme potencial para os pesquisadores. Que temas você gostaria de pesquisar no Turismo e áreas afins?

[MCRG]: Então, esta questão da valoração tem me atraído em função dos desafios que ainda temos que superar, inclusive no desenvolvimento de novas técnicas de valoração. Mas, a questão do planejamento para o desenvolvimento do turismo de forma sustentável também me atrai. Em ambas as situações a transversalidade é necessária e, talvez por isso, que sejam as minhas preferidas. Vou sempre preferir trabalhar em equipe e, quanto mais inter, multi, transdisciplinar for, melhor.

[JMC]: Atualmente, o turismo tem gerado efeitos contraditórios em diferentes localidades. Veja o caso de Barcelona em que a população ou parte dela se manifesta contrariamente ao turismo massificado que descaracteriza a cidade, eleva preços e agride o meio ambiente e o patrimônio. Como esse se tem inúmeros outros exemplos. A partir de seu conhecimento acerca do meio ambiente e da valoração patrimonial, como se posiciona a respeito dessa questão?

[MCRG]: Em breve teremos essa mesma discussão em Gramado. É um caminho ou estágio natural que os destinos turísticos que são mais demandados vão passar. O agente econômico mais importante em um destino turístico não é o turista, é o nativo daquele lugar. Se o nativo não aceita o turismo, o lugar não será um destino turístico. Isto porque o nativo quer ter as mesmas condições de tratamento e respeito que o turista. Ele quer infraestrutura, quer pagar um preço justo por bens e serviços na sua própria cidade e quer usufruir da cidade ou local turístico tanto quanto um turista. Os destinos que registram turismo de massa costumam receber todo o tipo de turista, inclusive e, principalmente, aquele que não entende que embora esteja a passeio ou de férias, existem regras de convivência coletiva que continuam valendo. Ou seja, há de se respeitar horários, pessoas, regras, e, principalmente, cuidar dos lugares por onde passa. Espera-se que olhe, admire e não destrua. Pelo contrário, preserve. Posto isto, o repensar do turismo nesses lugares passa por entender essas questões e reeducar os turistas. Algo que não é fácil, até porque temos culturas, religiões e leis diferentes nos diferentes países do planeta.

[JMC]: O turismo sustentável tem se colocado como uma tendência. O que poderia contribuir para esse avanço?

[MCRG]: Então, espero que dentro da expressão 'sustentável' estejam também as questões que envolvem o turismo de massa que consta na questão anterior. Quando pensamos em sustentabilidade temos que absorver as dimensões econômicas, ambientais e políticas. O respeito a essas três dimensões torna o destino turístico mais palatável aos nativos e aos próprios turistas. As três dimensões estão interligadas e precisam ser trabalhadas em conjunto. O desafio é, portanto, fazer caber dentro de orçamentos públicos e privados, as necessidades de investimentos para garantir a sustentabilidade ambiental e a política no processo. Isto tudo sem tornar o destino turístico inviável economicamente em termos de preços.

REFERÊNCIAS

- Scur, L., Rech, A. U., & Gullo, M. C. R. (2019). *Plano Diretor Inteligente: pressuposto para cidades inteligentes*. Caxias do Sul: Educs.
- Soares, L. M. P. C., Gullo, M. C. R., & Vianna, S. L. G. (Orgs.) (2018). *Novo ciclo econômico: Oportunidades e desafios*. Caxias do Sul: Educs.
- Gullo, M. C. R., Vianna, S. L. G., & Soares, L. M. P. C. (Orgs.) (2017). *A economia e o turismo compartilhando soluções*. Caxias do Sul: Educs.

Gullo, M. C. R. & Corá, J. M. (2021). Maria Carolina Rosa Gullo: A Interface entre Turismo, Meio Ambiente e Economia: o olhar multidisciplinar. **Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, 13(ESPECIAL 20 ANOS PPGTURH-UCS), 1-9. DOI 10.18226/21789061.v13i2021p9

Rech, A. U., Gullo, M. C. R., & Scur, L. (2017). *Potencialidades nos Campos de Cima da Serra e Políticas Públicas*. Caxias do Sul: Educs.

Rech, A. U., Butzke, A., & Gullo, M. C. R. (Orgs.) (2012). *Direito, Economia e Meio Ambiente*. Caxias do Sul: educs.